



A IGREJA CRISTÃ E A CULTURA

CLAPP, Rodney. *A Peculiar People: The Church as Culture in a Post-modern Society*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1996.

É público e notório que a igreja em vários países esta perdida quanto ao seu papel de ser sal e luz do mundo, o que é lastimável.

Rodney Clapp autor do livro *A peculiar people* faz uma análise pertinente desta relação: igreja *versus* cultura partindo do ponto de que a igreja tem se sujeitado ao que ele mesmo denomina *ethos* americano que a impede de ser igreja. Sua análise embora seja aplicável a outras igrejas similares em todo o mundo é realizada a partir das igrejas americanas.

Clapp é pensador Episcopal, contudo cresceu e se desenvolveu dentro da Igreja Metodista Unida - EUA. No passado, também esteve conectado à Igreja Batista da Convenção Sul dos Estados Unidos e com as igrejas da Aliança Missionária Cristã. É editor da InterVarsity Press, uma publicadora de livros na área teológica. Foi editor da revista Christianity Today. Também é escritor e ensaísta contribuinte para periódicos como Christian Century, Books & Culture, Wall Street Journal e Perspectivas. Portanto, possui uma vasta experiência na área eclesial que o qualifica para neste propósito de passa a igreja a limpo.

Percorrendo uma linha de tempo o autor sugere que a igreja americana desde o seu nascimento tem se atrelado ao 'status quo' americano ao invés de buscar padrões cristãos de ideais. Ele é enfático ao afirmar que a igreja privatizou sua fé perdendo a voz profética e deixando o povo a perecer. para interferir nas questões éticas e de importância na sociedade.

Clapp levanta sua voz profética em seu livro ao concitar a igreja a rever sua herança de povo especial separado por Deus.

E interessante à observação do autor que o fato de terem-se cristãos irrelevantes em nossos dias, não se deve ao fato de que estes não tenham nada a oferecer a um mundo pós-Cristão, mas em detrimento ao fato de que a presença da igreja na sociedade pós-cristã é mais na categoria de um ministério de capelania do que de inserção e influência para impactos de mudanças sociais.

Daí a grande importância da igreja rever a natureza do seu chamado que segue uma linha histórica, bíblica e teológica. Isto se faz necessário para

redimensionar a herança de um povo chamado com propósito de servir como instrumento de influência e transformação social, ético e espiritual. Admitindo ser um “*cristão pós-moderno plebeu*” (12) e que o pensamento pós-liberal pode contribuir para construir uma esperança de releitura da herança do passado que influencie no papel da igreja na sociedade de hoje, Clapp constrói o seu pensamento tomando como referência pensadores tais como Barth, Bonhoeffer, Niebuhr, Hauerwas entre outros.

No primeiro capítulo “*The Church and Unchurch*”, deflagra a crítica do autor à igreja dentro do contexto da sociedade americana e a origem desta distorção. No entanto, o capítulo inicia-se com a constatação direta e precisa da imagem da igreja na sociedade moderna, ou seja, compara a presença da igreja como a de um capelão num navio que está prestes a colidir e onde somente o capitão terá uma função importante para evitar o acidente.

Clapp menciona três caminhos pelos quais a igreja tem respondido para esta posição corrente em uma sociedade pós-moderna.

A primeira forma é o que ele denomina de *capitulação sentimental* (19), a qual identifica com a linha liberal do cristianismo americano. Segundo o autor, aqueles que assumem esta perspectiva reconhecem que a igreja nada tem de singular a oferecer ao mundo pós-moderno, mas estão ao redor sentimentalmente através dos rituais de presença.

À segunda linha, representada pelo fundamentalismo direitista que procura realinhar a igreja com a herança do passado muito conectado ao orgulho étnico, é denominado de *trincheiramento*. O “*bons anos passados*” da influência e presença cristã na sociedade são sonhados e os meios políticos são usados para tentar reaver o privilégio prévio do cristianismo dentro do estado.

Clapp não esconde sua veemente rejeição para ambas as linhas. Antes de apontar a sua própria linha de postura, Clapp traça à luz da história, a partir de Constantino, passando pela Reforma, os caminhos pelos quais a igreja cristã perdeu a sua relevância na sociedade moderna.

O autor sugere então uma outra forma da igreja se posicionar nesta nova realidade, ou seja, a da *radicalização*. Através deste modelo, os cristãos deveriam desconsiderar da idéia de serem responsáveis (o capitão do barco) pelo estado. Ao invés disso, a igreja cristã deve viver como uma seguidora radical do “Caminho”- o “Caminho Cristão”.

Para o autor há um espaço para o cristão na sociedade contemporânea se ao invés de tentar viver este sentimento de co-parceira do estado-nação ela viver como uma comunidade vocacionada pela Trindade (32).

No segundo capítulo “*The Church as Private Club*”, e terceiro capítulo, “*The Church as Nation-State*”, são reservados para uma análise crítica negativa que Clapp faz ao significado do que significa ser igreja no atual contexto da sociedade americana quando sua proposta é de que o significado da igreja para a sociedade de hoje é ser e praticar igreja como sendo ela mesma uma comunidade política e cultural.

No capítulo 2, o autor retoma a perspectiva da igreja a partir da idéia de uma comunidade de trincheira que para o autor nada mais é do que uma forma de privatização do cristianismo. O autor identifica esta linha com o que denomina de “*estratégia Constantiniana*” (33). Seu argumento básico neste capítulo é de que os Estados Unidos “*tem sido ansiosa e completamente Constantiniana*”, ou seja, um cristianismo como religião civil que, segundo Clapp não é cristianismo. Para o autor, não passa de um cristianismo individualizado e interiorizado, próprio do gnosticismo. O que caracteriza este tipo de cristianismo gnóstico? Significa uma tendência de acreditar e agir como se a fé e a salvação fossem bens privados, sem relações e pontes culturais e, pior, completamente a - histórica. Um lado mais obscuro desta postulação é que pastores e líderes da igreja desenvolvem ministérios de marketing e com um filtro psicoterapêutico. Para Clapp ambos concentram a prática da fé no indivíduo. Este tipo de cristianismo possui uma teologia como uma rua sem saída.

No capítulo 3, já acima mencionado, Clapp reserva sua argumentação e avaliação crítica para com a tendência de fazer do país (estado) a igreja. O autor faz esta crítica colocando em questionamento o entendimento que grupos fundamentalistas possuem do que é ser americano. Argumentando que não se pode conferir uma identidade a quem reside dentro dos Estados Unidos por ser uma nação de imigrantes, não se pode também dizer que a igreja seja a nação-estado.

Clapp reserva ao capítulo quatro uma linha da evolução histórica da cultura no contexto dos Estados Unidos. Sua idéia principal é que a guerra cultural existente na sociedade americana é positiva e a igreja deveria agradecer a Deus por ela. A razão básica para isto é que o conflito de pensamento e atitudes servem como oportunidade de provocar nova imaginação que resulta em nova ação. Argumenta que os primeiros cristãos viveram num período de extrema diversidade cultural e tal fato determinou o impulso da igreja. Clapp acredita que a diversidade de nossos dias é muito mais complexa e sempre em transição, daí porque o pós-moderno é uma porta para a igreja dos nossos dias agir.

Os capítulos 5 à 12 ganham a dimensão prática do autor. Trata das respostas da igreja a este mundo de diversidades que é o mundo pós-moderno.

Há um elemento importante deixado de lado por Clapp. O autor não faz menção à mensagem da cruz. É incompleto imaginar um plano que delinea caminhos de como a igreja deveria operar sem a idéia bíblica de Evangelho. Quando olhamos para a teologia paulina de que o “*evangelho é o poder de Deus*”, devemos entender tal afirmação considerando que o evangelho, o meio pelo qual Deus manifestou-se redentivamente ao mundo, é o elemento chave para todas as questões da vida. A cruz é para a igreja cristã o ponto de referência para a construção de uma teologia de engajamento e ação pastoral. Não podemos pensar em comunidade em ação e engajamento sem a cruz porque o próprio Cristo em sua vida e missão a encarou também.

Existem aspectos cruciais abordados pelo autor com os quais precisamos nos alinhar. Consideremos, por exemplo, a sua crítica ao cristianismo privatizado e individualizado sem espaço para comunidade e inserção histórica e social. Uma leitura no NT nos permite perceber o senso de comunidade que havia

entre a primeira comunidade de cristãos, renegada nos dias de hoje pela ênfase no sucesso e conquista individual.

Um outro fato digno de observação positiva é o de que agora é um momento oportuno para que a igreja faça uma reavaliação de si mesma, considerando sua postulação de fé e práxis. O fato de que fatores do mundo pós-moderno têm empurrado o cristianismo da sua presença pastoral na sociedade deveria sacudir a igreja a uma auto-avaliação. A igreja não está sendo e nem foi chamada para ser tutora do mundo. Clapp também está correto em sua análise das duas perspectivas do ser e fazer igreja numa era, como ele mesmo diz, pós-Constantina.

A linha capitulação sentimental rejeita-se porque não oferece mensagem real para a sociedade. A linha de reintrincheiramento porque é reduzir o evangelho a um orgulho nacional que nunca foi e jamais será validado pelo próprio evangelho.

Finalmente, é positiva a proposta de levar a igreja a celebrar a diversidade cultural neste mundo pós-moderno. Concordamos com o autor porque entendemos que a diversidade não é um atributo da sociedade pós-moderna, mas antes um valor cristão que brota da visão bíblica da igreja. O NT atesta isto quando diz que de *“todas as línguas, povos e raças, muito virão adorar ao Senhor”*.

O livro apresenta um esperançoso e novo paradigma para os líderes da igreja que esforcem-se para descobrir maneiras novas para que a igreja de Cristo possa fazer diferença na complexidade do mundo de hoje.

O autor consegue desafiar o leitor a pensar na necessidade de reconsiderar a importância de se ter uma comunidade crista – igreja, bíblica para adorar e testemunhar do poder de Deus em todos os âmbitos da sociedade.